

SANTO TOMÁS DE AQUINO

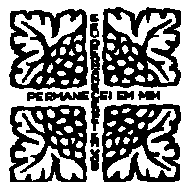
## “REGANDO MONTES”



*Principium Rigans Montes  
reportatio Petri de Andria*

Traduzido por PERMANÊNCIA  
a partir da edição de 1954 - Turim

EDIÇÃO ELETRÔNICA



Rio de Janeiro, 2004

# “REGANDO MONTES”

SANTO TOMÁS DE AQUINO

## PRÓLOGO

O Rei dos Céus e Senhor instituiu desde a eternidade esta lei, para que os dons de Sua providência chegassem aos seres inferiores pelos intermediários. Donde o dizer Dionísio, no quinto capítulo da *Hierarquia Eclesiástica*, “*é lei santíssima da divindade, que as criaturas inferiores sejam levadas pelas superiores à sua diviníssima luz*”. Esta lei se verifica não somente nos seres espirituais, mas também nos corpóreos. Donde, Agostinho, no livro III *Da Trindade*, “*assim como os corpos mais grosseiros e fracos são regidos em certa ordem pelos mais perfeitos e fortes, assim todos os corpos pelo espírito racional da vida*”. E por isso o Senhor propôs nesse salmo, sob a metáfora das coisas corporais, esta lei da comunicação espiritual [Sl 103, 13]: “*Regas os montes desde as tuas altas moradas; com o fruto das tuas obras será saciada a terra*”. Ora, vemos com nossos sentidos as chuvas caírem das mais altas nuvens; os montes, regados por elas, produzirem rios e a terra, saciada pelos rios, tornar-se fértil. Do mesmo modo, desde os cimos da Divina Sabedoria, é irrigada a inteligência dos doutores, representados no salmo pelos montes, cujo ofício é fazer chegar o lume da divina sabedoria até a inteligência dos que os ouvem. Assim, portanto, podemos considerar quatro coisas no texto proposto: a altura da doutrina espiritual; a dignidade de seus doutores; a condição de seus ouvintes; a ordem de sua comunicação.

## CAPÍTULO I — A ALTURA DA DOCTRINA ESPIRITUAL

Sua altura manifesta-se por estas palavras: *“desde as tuas altas moradas”*. E a *Glosa*: *“dos mais altos arcanos”*. Esta altura, a doutrina sagrada a tem por três causas: em primeiro lugar, pela origem. Com efeito, esta é a sabedoria que vêm do alto, cf. Tg 3, 17 e Eccl 1, 5: *“A fonte da sabedoria é o verbo de Deus nos céus”*; em segundo lugar, pela sutileza do assunto, cf. Eccl 24, 7: *“Eu habitei nos lugares mais altos”*. Existem, de fato, algumas altas verdades da divina sabedoria a que todos atingem, ainda que de modo imperfeito, pois *“o conhecimento da existência de Deus é insito a todos os homens”*, como diz Damasceno, e quanto a isso diz o livro de Jó 36, 25: *“Todos os homens o vêem, mas cada um o vê de longe”*. Outras verdades, ainda mais altas, são acessíveis apenas ao gênio dos sábios, guiados somente pela razão. Destes diz o Apóstolo, Rm 1,19: *“Porque o que se pode conhecer de Deus, lhes é manifesto, porque Deus lho manifestou”*. Outras, enfim, são altíssimas e transcendem toda razão humana. Quanto a elas, está escrito no livro de Jó 28, 21: *“A sabedoria está escondida aos olhos de todos os viventes”*, e no Salmo 17, 12: *“Vestiu-se de trevas, como de um véu”*. Mas isso os santos doutores, ilustrados pelo Espírito Santo, que *tudo penetra, mesmo nas profundezas de Deus* [1 Cor 2, 10], ensinaram sobre o texto da Sagrada Escritura. Tais são as verdades altíssimas, nas quais se diz habitar a sabedoria; em terceiro lugar, pela sublimidade do fim: pois tem o mais alto dos fins, a saber, a vida eterna, cf. Jo 20, 31: *“Estes, porém, foram escritos a fim de que vós creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus; e para que, crendo, tenhais a vida eterna, em virtude do seu nome”*; e Col 3, 1-2, *“buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à dextra de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra.”*

## CAPÍTULO II — A DIGNIDADE DOS DOUTORES

Portanto, em razão da altura desta doutrina, também se postula a dignidade de seus doutores. Donde serem representados por montes, nisso que diz: “Regas os montes”. E isto por três motivos: primeiro, pela altura dos montes, pois são elevados acima da terra e próximos ao céu. Assim, os santos doutores, desprezando as coisas terrenas, só às celestes anseiam, cf. Fp 3, 20 “*Nós, porém somos cidadãos dos céus*”; donde do mesmo Doutor dos doutores, Cristo, dizer Isaías [Is 2, 2]: “*Ele será elevado acima de todas as colinas e todas as nações acorrerão a ele*”.

Segundo, pelo seu esplendor, pois são os montes os primeiros a serem iluminados pelos raios do sol. Semelhantemente, os santos doutores são os primeiros a receber o brilho da inteligência. Como os montes, são os primeiros a serem iluminados pelos raios da divina sabedoria, cf. Sl 75, 4, “*Tu lanças maravilhosas claridades desde as montanhas eternas, todos os insensatos de coração foram precipitados na confusão*”, quer dizer, por meio destes doutores que participam do brilho da luz eterna, cf. Fp 2, 15: “*entre os quais brilhais como luminárias no mundo*”.

Terceiro, por sua proteção, pois os montes defendem a terra contra seus inimigos. Assim também, para a defesa da Fé, os doutores da Igreja devem se opor aos erros. Os filhos de Israel não punham sua confiança em lanças ou flechas, mas nos montes que os defendiam. Por isso, a eles se repreende, cf. Ez 13, 5: “*Vós não vos elevastes contra o adversário, vós não vos opusestes feito muralha para a casa de Israel, a fim de agüentar firme o combate no dia do Senhor*”.

Todos os doutores da Santa Escritura, portanto, devem ser elevados pela eminência de suas vidas, para que sejam capazes de pregar eficazmente, pois,

como diz Gregório na *Pastoral*: “A pregação daquele cuja vida se despreza, necessariamente será desprezada”. “As palavras dos sábios, diz o Eclesiastes [12, 11], são como agulhões e cravos profundamente enterrados”. De fato, não pode o coração ser formado ou estimulado no temor de Deus, salvo na admiração de uma vida elevada. Todos os doutores devem ser ilustrados, para que ensinem convenientemente, cf. Ef 3, 8-9 “*A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os Gentios as riquezas incompreensíveis de Cristo, e de manifestar a todos qual seja a comunicação do mistério escondido, desde o princípio dos séculos em Deus*”. Devem ser fortificados, para que, disputando, refutem os erros, cf. Lc 21, “Eu vos darei uma boca e uma sabedoria à qual não poderão resistir, nem contradizer, todos os vossos inimigos”. Sobre estas três funções, quais sejam, as de pregar, ensinar e disputar, diz a Escritura, Tt 1, 9: “*Para que possa exortar*”, quanto à pregação; “*segundo a sã doutrina*”, quanto ao ensino; “*e refutar os que a contradizem*”, quanto à disputa.

### CAPÍTULO III — A CONDIÇÃO DOS OUVINTES

Em seguida, trata-se da condição dos ouvintes, figurada no salmo com a imagem da terra: “*a terra será saciada*”. E isto porque está a terra no lugar mais abaixo, cf. Pr 25,3: “*O céu no alto, a terra aqui embaixo*”; porque é estável e firme, cf. Ecl 1,4: “*a terra permanece sempre estável*”; e fecunda, cf. Gn 1, 11, “*Germinem a terra erva verde, e que dê semente, e árvores frutíferas, que dêem fruto segundo a sua espécie*”. Assim, à semelhança da terra, devem os ouvintes diminuir-se pela humildade, pois, cf. Pr 11,2 “*onde há humildade, aí há igualmente sabedoria*”; devem, do mesmo modo, ser firmes pela retidão de pensamento, cf. Ef 4,14, “*para que não flutuemos como crianças*”; e fecundos, para que neles frutifiquem as palavras de sabedoria que receberam, cf. Lc 8,15 “*A semente que cai na terra fértil,*

*representa aqueles que, tendo escutado a palavra com um coração bom e perfeito, a retêm e dão fruto pela paciência*". A humildade, portanto, lhes é exigida quanto à instrução, que vem pela escuta, cf. Ecle 6,34 "*Se me ouvires, receberás a instrução e, se amas ouvir, serás sábio*". Em seguida, é preciso retidão de inteligência para o discernimento do que foi ouvido, cf. Jó 12, 11, "*Porventura o ouvido não discerne as palavras?*" Mas é preciso fecundidade para a descoberta, pela qual o bom ouvinte anuncia muitas coisas a partir das poucas escutadas, cf. Pr 9, 9: "Dá uma oportunidade ao sábio, e ele tornar-se-á ainda mais sábio".

#### CAPÍTULO IV — A ORDEM DE SUA COMUNICAÇÃO

Enfim, a ordem da geração da doutrina é aqui indicada no que diz respeito aos três pontos seguintes: a ordem da comunicação, a quantidade e a qualidade dos dons recebidos. Primeiro, quanto à ordem da comunicação: pois a inteligência dos doutores não pode abarcar tudo o que a Sabedoria Divina contém. Por isso não diz o salmista, "Regas nos montes tuas altas moradas" e sim, "*Regas desde tuas altas moradas*". E Jó 26, 14: "*Esta é apenas uma ínfima parte de Suas obras*". Semelhantemente, nem tudo o que sabem os doutores, transmitem a seus ouvintes, cf. 2 Cor 12, 4, "*ouvi palavras misteriosas as quais não são permitidas falar entre os homens*". Por isso não diz: "levando o fruto das tuas obras à terra" e sim, "*com o fruto das tuas obras será saciada a terra*". E isto é o que diz Gregório no livro XVII da *Moralia*, ao expor aquilo de Jó 26, 8, "*Ele liga as águas em suas nuvens, a fim de que não irrompam todas sobre a terra de uma só vez*": o doutor não deve ensinar aos iniciantes tudo aquilo que sabe, pois ele mesmo é incapaz de conhecer tudo quanto diz respeito aos mistérios divinos".

Segundo, trata-se da ordem da transmissão da doutrina quanto ao modo de aquisição: pois Deus tem a sabedoria por natureza. Por isso diz-se que "as

altas moradas” são-Lhe naturais, cf. Jó 12, 13, “*Em Deus residem a ciência e a força; Ele possui o conselho e a inteligência*”. Os doutores participam abundantemente desta ciência, por isso diz-se que são irrigados do alto, cf. Ecle 24, 42, “*Regarei as plantas do meu jardim, e saciarei de água os frutos do meu canteiro*”. Mas os ouvintes tem dela uma participação suficiente, e é isto o que significa a saciedade da terra, cf. Sl 16, 15, “serei saciado quando tua glória aparecer”.

Terceiro, quanto ao poder de comunicar a sabedoria, porque Deus a comunica por Sua própria virtude. Por isso se diz que por si mesmo rega os montes. Os doutores, ao contrário, só comunicam a sabedoria pelo seu ministério. Donde o fruto dos montes não ser atribuído a eles, mas às obras divinas. Realmente, o salmista diz: “*com o fruto das tuas obras*”. E 1 Cor 3, 4-5, “*Quem é Paulo?*” e adiante, “*ministros seus, pelos quais fostes levados à fé*”. Mas em 2 Cor 2, 16, “*quem é capaz de um tal ministério?*” Deus, com efeito, exige ministros inocentes, cf. Sl 100, 8: “*Aquele que caminha em um caminho imaculado, este me servirá*”; e inteligentes, cf. Pr 14, 35: “*Um ministro inteligente é bem acolhido pelo rei*”; e fervorosos, cf. Sl 103, 4: “*Quem faz dos teus anjos espíritos, e de teus ministros um fogo abrasador*”; e ainda, obedientes, cf. Sl 102, 21: “*vós, seus ministros, que fazem a sua vontade*”. Ainda que ninguém seja, por si mesmo, suficiente para um tal ministério, pode todavia esperar o auxílio de Deus, cf. 2 Cor 3, 5: “*Não como se fossemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade*”. Logo, deve pedi-la a Deus, cf. Tg 1, 5, “*Se a alguém falta sabedoria, que a peça a Deus, que dá a liberalmente e não lança em rosto; e ser-lhe-á dada*”. Oremos para que Cristo no-la conceda.

AMÉM.